

PERCEPÇÕES DE ATORES ESCOLARES SOBRE ESTUDANTES ADOLESCENTES

Eliane de Siqueira Gonçalves⁶

Cláudia Patrocínio Pedroza Canal⁷

Resumo

A percepção de atores escolares sobre estudantes adolescentes interfere no percurso escolar destes, impactando negativamente o seu processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi descrever concepções de educandos dos anos finais do ensino fundamental, suas respectivas mães e profissionais escolares acerca de adolescentes estudantes no ambiente escolar. A pesquisa foi qualitativa e descritiva, tendo sido entrevistados 36 participantes envolvidos no contexto escolar dos 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Os resultados evidenciaram percepções da adolescência como fase problemática, sem identificação dos potenciais de desenvolvimento nesse período, além de apontarem o desinteresse de estudantes como causador de problemas no desempenho desvinculado das práticas escolares. Considera-se nesse estudo a urgência de disseminar conhecimentos para desmistificar essas concepções apresentadas.

Palavras-chave: Estudantes; adolescentes; escolas; pessoal da educação; mães.

⁶ Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Endereço para correspondência: Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras – Vitória – ES, Brasil. E-mail: eliansiqueira13@outlook.com

⁷ Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

Introdução

Os processos educativos são atravessados por fatores culturais, históricos e sociais, estando o indivíduo constituindo e sendo constituído por estes fatores, construindo e aprendendo com as e nas relações. Nesse sentido a educação é impactada e transformada por esse processo dialético, sendo as percepções sobre a escola construídas pela sociedade e materializadas no contexto escolar (Antunes, 2008).

No ambiente escolar, o desenvolvimento do educando foi e ainda é entendido como processo natural, com características que vão aparecer durante os estágios de desenvolvimento, estas, vistas como necessárias no processo educativo. Porém, se o estudante não apresenta tais aspectos idealizados no contexto escolar, a explicação é associada a dificuldades dos educandos e de suas famílias (Bock, 2003). Outra ideia naturalizada nesse contexto, segundo Bock (2007), se refere a percepção de adolescência encontrada pela autora em materiais que orientam pais e educadores e que definem a adolescência a partir do ponto de vista biológico, sendo considerada uma fase difícil, com adjetivos atrelados à rebeldia. Tais materiais orientam os adultos a serem tolerantes, com justificativas sobre a adolescência ser uma fase passageira, marcada por conflitos naturais e que cabe aos adultos, indivíduos mais desenvolvidos, mediar os conflitos, sem incentivo à cooperação entre um grupo e outro. Nesse tipo de produção desconsidera-se que fatores sociais, culturais e históricos são processos interferentes no processo de desenvolvimento e a visão da adolescência como período problemático se fundamenta em perspectiva adultocêntrica acerca dos estágios de desenvolvimento humano.

Roehrs et al. (2010), ao entrevistarem educadores que atuam no Ensino Fundamental, encontraram perspectivas de compreensão da adolescência vista como fase de conflito e de emoções instáveis. Os profissionais acreditavam em uma adolescência que muda em função do contexto social, histórico e cultural, e também em razão de diferenças de raça e gênero. Contudo, também houve questionamentos e divergências de opiniões de maneira negativa e associada à rebeldia.

Segundo Alves e Thurow (2021), adolescentes sofrem impactos durante o ensino e a aprendizagem desencadeados por condições de desigualdade social e histórica. Esses autores valorizam práticas afetivas e lançam a necessidade de pensar em estratégias que ofertam cuidado, atenção com estudantes, visando o acolhimento.

Santo e Negreiros (2021) realizaram uma revisão de literatura sistematizando as pesquisas publicadas na temática saúde do estudante adolescente e perceberam a inexistência de produções que apresentem a saúde do adolescente atrelada às transformações sociocultural e histórica. De

acordo com esses autores, há faltas de pesquisas que explorem as diferenças sociais de classe, raça, etnia entre outras, as quais impactam o ser adolescente.

Em relação ao desenvolvimento humano, Piaget (1999) afirmou que o indivíduo se desenvolve cognitivamente em estágios sucessivos e que, entre outros aspectos, o meio social, inclusive o contexto escolar, influencia o processo de desenvolvimento. O autor apresentou uma teoria sobre os estágios de desenvolvimento da vida de um indivíduo desde o seu nascimento e, neste trabalho, será apresentado brevemente o período relativo à adolescência

Próximo ao início da adolescência, há possibilidade de desenvolvimento do estágio operatório formal, por volta dos 12 anos de idade. Neste período o adolescente desenvolve a capacidade de racínio e abstrações, podendo criar hipóteses, deduzir e pensar em soluções a fim de resolver os problemas cotidianos, por exemplo. Nesse estágio há também o desenvolvimento da autonomia, sendo que o adolescente segue regras não por elas serem impostas, mas por compreender e elencar como valor a ser seguido o respeito mútuo (Piaget, 1999). O autor, ao se referir a aspectos sociais, acrescenta que na adolescência há a possibilidade de diálogo com construção e troca de pensamento, realizando suposições e reflexões, o que se torna viável pelas construções do estágio operatório formal. Desta maneira, o adolescente é capaz de pensar sobre determinados assuntos exercendo sua autonomia.

Entretanto, Piaget (1975) pontua que a existência de métodos de ensino passivos no contexto escolar não permite o exercício da criatividade e da autonomia, fazendo com que o educando não se torna agente e construtor do seu conhecimento e não compreenda a aplicação de conteúdos aprendidos, se esquecendo do que aprendeu com o passar dos anos. O conhecimento, que deveria ser uma forma autônoma, se torna heterônoma, com saberes passivos, impositivos, sem compreender os motivos de aprender os conteúdos.

Dessa maneira, adolescentes podem acabar exercendo papéis infantis no contexto escolar, se ancorando no estágio anterior, o operatório concreto, e na heteronomia, além de obedecer aos adultos em normas que não foram construídas em conjunto e, por isso, sem sentimento de pertencimento com as regras instituídas (Piaget, 1999).

Na pesquisa de Couto e Alencar (2015), que entrevistaram professores do ensino fundamental, foi percebido que eles utilizavam métodos impositivos durante as aulas. Ainda Parra e Cruz (2021), na tentativa de compreender as construções de regras escolares, entrevistaram estudantes e professores dos anos finais do ensino fundamental e obtiveram como resultados que as regras escolares não eram construídas com os estudantes e que, provavelmente, por esse motivo os estudantes as desrespeitavam. Além disso, alguns estudantes também disseram que não havia

promoção de diálogo no contexto escolar e que não eram ouvidos, apesar de a escola afirmar sobre a existência de espaços de discussões.

O desinteresse é outro fator interferente no contexto escolar e que merece atenção. Segundo Garcia et al. (2021), que realizaram revisão de produções acadêmicas de teses e dissertações consultando o banco da capes, encontrando 46 estudos, apesar de a escola ser um ambiente de desenvolvimento para perspectivas de futuro, os estudantes e corpo docente são afetados pelo desinteresse de educandos, problemática associada a várias dimensões como currículos conteudistas e métodos de ensinos que não atendem a realidade de adolescentes.

De mesmo modo, Barbosa et al. (2020), buscando compreender a desmotivação de estudantes do oitavo ano do ensino básico, aplicaram questionário aos educandos e aos docentes. Os estudantes disseram que sentem falta de acolhimento e afeto de educadores e tem sentimentos relacionados a falta de pertencimento a escola. Contudo os professores associavam a motivação a aspecto particular e individual no processo educativo de estudantes.

A partir da revisão indicada e considerando a importância de compreender e repensar fatores que implicam na relação dos estudantes que são adolescentes no contexto escolar, essa pesquisa buscou descrever concepções de educando dos anos finais do ensino fundamental, suas respectivas mães e profissionais escolares acerca de estudantes adolescentes no ambiente escolar.

Método

A pesquisa realizada foi qualitativa, para compreender as perspectivas dos participantes, suas experiências e vivências em relação ao objetivo desse estudo (Flick, 2009). A pesquisa é de conteúdo descritivo, pois visa expor percepções e conduta dos participantes (Gil, 2002).

Entrevistou-se 36 participantes, sendo eles: seis gestores (cargos de direção, vice direção e coordenação pedagógica); uma auxiliar de serviços gerais e, dos 7º, 8º e 9ºanos do ensino fundamental, 11 professores; nove alunos e suas mães. Todos os participantes estavam vinculados a duas escolas públicas do interior de Minas Gerais, na região sudeste do Brasil. Os participantes responderam a uma entrevista semiestruturada e individual que contemplava perguntas como: “Em sua percepção, como tem sido seu trabalho?”; “Qual a sua opinião acerca das condutas dos alunos?”; “Qual a sua opinião acerca das condutas dos professores da instituição?”; “Durante esse tempo que você está na instituição, ocorreu alguma situação que lhe causou desconforto?”.

Todo o roteiro de entrevista foi planejado e dividido de acordo com os grupos de participantes e, a partir do que os entrevistados respondiam, eram feitas perguntas adicionais a fim

de explorar os conteúdos das falas, como indicado pelo método clínico piagetiano (Piaget, 2005). Antes de ir a campo, coletar os dados, o projeto foi submetido e analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) e aprovado pelo número CAAE: 4.794.088.

As construções das categorias foram pensadas e analisadas por meio da proposta de Delval (2002) com conteúdo que se assemelha em algum ponto. Seguindo os objetivos desta pesquisa e a partir dos conteúdos abordados nas entrevistas pelos participantes, foram elaboradas as seguintes categorias: 1) Adolescência como interferência negativa no comportamento dos estudantes e 2) Relação do estudante com o contexto escolar.

Categoria 1: Adolescência como interferência negativa no comportamento dos estudantes - a presente categoria se refere a percepção que os participantes têm acerca da fase de desenvolvimento da adolescência e como esta impacta no contexto escolar, com tendências a atribuir conotação negativa a essa fase. Contudo apareceram também percepções de perspectivas de futuro positivas, com busca de soluções para dificuldades sociais.

Categoria 2. Relação do estudante com o contexto escolar - é apresentada nesta categoria a relação percebida do estudante com o estudo, caracterizada por desinteresse e falta de autonomia no contexto escolar.

Resultados e Discussão

A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão das categorias construídas que foram apresentadas no tópico metodologia, sendo elas: “Adolescência como interferência negativa no comportamento dos estudantes” e “Relação do estudante com o contexto escolar”.

Na primeira categoria serão apresentadas percepções de atores escolares relativos a atribuição de adolescência como fase de desenvolvimento difícil.

Adolescência como interferência negativa no comportamento dos estudantes

Na categoria “Adolescência como interferência negativa no comportamento dos estudantes”, mães e educadores apresentam concepção estigmatizada de adolescência, com conotação de uma fase problemática e conturbada, e relacionando a culpa por essas dificuldades aos adolescentes, não associando com as condições históricas e sociais que interferem nos comportamentos dos estudantes. Como afirmam a gestora Nicolý “o adolescente já tem aquela fase

de revolta”, e a professora Mabel, “o adolescente não tem aquela maturidade”. O professor Maurício também diz:

Imagina um adolescente, menino de 10 a 14 anos é de esperar que isso vai acontecer, então assim, isso é algo que acontece normalmente, mas a escola, já teve grandes problemas de comportamento, de alunos rebeldes, de alunos que não se encaixam e que não se enquadram, mas muitos deles já saíram.

Os resultados vão ao encontro de Bock (2007) que encontrou em livros que orientam pais e educadores, percepções que não associam a adolescência com o processo histórico e nem com a realidade social em que educando estão imersos, com adjetivos de rebeldia atribuídos aos estudantes e explicações dos comportamentos pelo funcionamento biológico, de mudanças hormonais e físicas.

Outro exemplo de fala é o da mãe Melanie que diz “os adolescentes hoje não são os mesmos de antigamente, a cabeça dos adolescentes hoje está mais fraca, está mais focada em outras coisas errada”. Há nas falas dos participantes também associação de adolescentes serem revoltados e apresentações de uma adolescência que se transformou ao longo dos anos, porém esse relato aparece com um certo julgamento, como se os educandos fossem unicamente responsáveis por essas mudanças.

A gestora Nadir afirmou: “ela desacatou a professora, ela não se coloca no lugar dela e não reconhece a posição do professor na vida dela, isso é muito comum nos adolescentes de hoje”. Roehrs et al. (2010) mostraram em sua pesquisa que docentes tem preocupações com os adolescentes, porém os questionamentos, pensamento crítico e formação de próprias opiniões dos adolescentes são vistas pelos adultos como conflitos, instabilidades emocionais, rebeldia e imaturidade.

Os estudantes crescem e se desenvolve com uma visão de mundo dos adultos no qual eles convivem, seguem regras que os adultos dizem que tem que seguir, porém quando chegam na adolescência os educandos querem ter suas próprias percepções e ao questionarem regras que talvez não estejam fazendo sentido a escola e os adultos veem como comportamento conflituoso, falta de respeito, pois o jovem tem que acatar as pessoas mais velhas. Essa aquisição de comportamento da fase da adolescência foi apresentada por Piaget (1975), com o desenvolvimento da autonomia, aspecto essencial para esse estágio de desenvolvimento.

Durante a entrevista, a mãe Milena diz “essa mente dos adolescentes, que eles têm uma revolta”. Bock (2007) discute que os adultos já esperam que os adolescentes agirão de determinada

forma, naturalizando os seus comportamentos e os conflitos, e dessa maneira não há a construção de vínculo e relações mútuas, a adolescência sendo vista como um período do desenvolvimento problemático.

Os dados da presente pesquisa vão ao encontro da pesquisa de Bock (2007), pois em ambos os estudos não há percepção da constituição dos adolescentes em seu período histórico e social pelos participantes. Não se pensa que a adolescência é construída, os participantes apresentam o comportamento dos adolescentes como se fosse algo posto, como se as vivências dos educandos não fossem constituintes de sua vida.

No entanto, houve alguns relatos de atores escolares, inclusive estudantes, apresentando o período de adolescência associado com o contexto de interação social do qual o indivíduo faz parte. Porém, mesmo nos relatos que enfatizam essa relação, os participantes ainda apresentam uma visão problemática de uma realidade vivida por esses adolescentes, como diz a gestora Noemir:

Me incomoda muito que nossos jovens aqui da redondeza, eles não têm uma visão de futuro [...] nós temos situações aqui, relacionadas, muitas mortes de adolescentes por causa do tráfico, muitas, muitas, eu já perdi aqui 10, 11 anos de escola que eu estou aqui, eu já perdi pra mais de 50 alunos meus.

A mãe Núbia diz, “são adolescentes que estão crescendo em meio à marginalidade, infelizmente”. Alves e Thurow (2021) discutem que as desigualdades sociais impactam os processos de aprendizagens em adolescentes, ressaltando a necessidade de promover estratégias de metodologias pedagógicas que cuidam e acolhem os estudantes, favorecendo os mecanismos de ensino. Santos e Negreiros (2021) apontam que considerar diferenças como gênero, classe social e origem étnicas e raciais no estudo sobre a adolescência é importante e que há falta de pesquisas que abarcam esse assunto.

A adolescência também foi mencionada, por alguns entrevistados, como uma fase em potencial para perspectiva de futuro e para solucionar as dificuldades sociais que os educandos apresentam, o que é possível perceber no relato da professora Noélia:

Se houvesse um projeto que inserisse os estudantes no mercado de trabalho por um curto período do dia, de modo que pudessem conciliar os estudos com o serviço, evitaria dos adolescentes ficarem na rua e a realidade deles seriam outra.

Em relação a essa ideia, Fonseca e Canal (2022) afirmam a relevância de haver políticas públicas que promovam a realização de práticas de orientação profissionais em contextos escolares para que contribua com os educandos na escolha do mercado de trabalho. As autoras também dizem que a instituição escolar pode oportunizar o desenvolvimento de adolescentes, com práticas promotoras de autoconhecimento, habilidades e identificações.

A seguir, na segunda categoria, serão apresentados resultados e discussão sobre aspectos do estudante e sua interação com o contexto escolar de acordo com o conteúdo das entrevistas.

Relação do estudante com o contexto escolar

A categoria “Relação do estudante com o contexto escolar” engloba as dificuldades relacionadas a desmotivação e indisciplina apresentadas por todos participantes. Também há falas de educadores e mães sobre a falta de autonomia dos estudantes, além de relatos de estudantes sobre suas dificuldades em questionar regras.

Segundo a estudante Maitê “metade da sala não gosta de estudar” e, de acordo com o professor Neymar, “às vezes a gente se depara com o aluno que falta motivação”. Os participantes relataram acerca do desinteresse escolar, mas não buscam compreender suas causas, e quando pensam em algumas possibilidades interferentes dirigem as dificuldades escolares às famílias e aos estudantes, desconsiderando as interferências de outros ambientes, inclusive o contexto que as práticas de ensino são realizadas, o escolar. Garcia et al. (2021) relacionam a falta de interesse escolar a diversas dimensões como currículos conteudistas e como as metodologias de ensino são aplicadas. Indo ao encontro dessa discussão, Bock (2003) também apresenta que a organização do contexto escolar e o currículo apresentado podem impactar na desmotivação, sendo necessário, nesse sentido, compreender que a motivação para o ensino não é característica construída individualmente, mas que fatores como o contexto de interação, o escolar e outros ambientes interferem na aprendizagem. Ainda, conforme Faria (2020), a organização do contexto escolar em currículos que visam e restringem a certos tipos de conteúdos específicos fortalece a exclusão e segregação de estudante, não atendendo às diferenças e produzindo a falta de diálogo, o que afeta o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Em sua entrevista o professor Nelson critica a maneira como a escolar funciona e como compreende o comportamento dos estudantes, afirmando que se estivesse no lugar deles também estaria desmotivado “modelo de escola que é o mesmo modelo que eu estudei na década de 1970,

então eu ficaria apático também”. Já o estudante Magno questiona a existência de algumas disciplinas, “ultimamente estou achando que algumas disciplinas, no meu ver, não têm muita necessidade, mas vai ver tem”. Nessa fase, com o desenvolvimento da autonomia (Piaget, 1975), os estudantes precisam que o ensino faça sentido a partir de explicações e fundamentos dos motivos de estudar determinados assuntos, porém, muitas vezes, o ensino é apresentado para eles como algo imposto, seguindo ordem curriculares restritas e que não valoriza particularidades dos estudantes e nem sua fase e seu contexto de desenvolvimento, sua potência para a aprendizagem e para ser ativo em seu processo educacional.

A gestora Márcia também relata, “de modo geral a gente percebe que nossos alunos [...] precisam de atenção, de contato, de uma conversa, de uma escuta”. De mesmo modo a pesquisa de Barbosa et al. (2020), na investigação das causas para o desinteresse escolar de estudantes do ensino fundamental, evidencia a falta de pertencimento e de acolhimento que estudantes sentem da escola, justificada também por não compreenderem o sentido de estudar alguns conteúdos. A escola, para os educandos, é percebida como local apenas de aprender disciplinas obrigatórias. Contudo, os professores não possuíam essa mesma percepção que os educandos e direcionavam a motivação como fator individual relacionado aos estudantes, culpando-os pelo desinteresse escolar.

Em relação a escuta e pertencimento no ambiente escolar, a estudante Mafalda diz “Eu tenho um professor que ele chega à sala, a gente conversa com ele, a gente fica livre para falar, a gente fica mais à vontade e ao mesmo tempo a gente aprende melhor, com mais facilidade, sabe?”. Segundo Barbosa et al. (2020), na escola deveria haver a construção de afetividade com os conteúdos e com as pessoas envolvidas e os estudantes deveriam se sentir acolhidos.

A mãe Marina diz também “tem um professor que dá a aula dele e depois ele tira um tempo, se senta e conversa. Tem dia que o pessoal se senta e conversa com os alunos, e eu acho isso de uma riqueza muito grande”. De acordo com Lopes e Pedruzzi (2021), educadores podem influenciar positivamente estudantes, pois quando estes são respeitados, valorizados e acolhidos, apresentam melhores resultados no ambiente escolar.

Os participantes apresentaram a indisciplina de estudantes como um fator de reclamação relacionado à inviabilidade do processo de ensino, seja pela existência de conflitos ou por negativa dos educandos de participarem da aula ou fazerem as atividades propostas. A adolescente Margot diz “Tem uns que não querem aprender, que vem na aula, mas não querem fazer nada, querem ficar conversando, não obedecem”. Quando perguntado quais poderiam ser os motivos para esse

comportamento a estudante diz “eu não sei sobre eles, mas talvez alguns tenham relação com a família, talvez queiram atenção, dependendo o que eles passam, não pode julgar”.

O estudante Natanael relata “não são todos, mas tem alguns alunos que *avacalham* a aula, não querem saber de nada, só vem a aula para fazer bagunça, atrapalham a sala toda, porque o professor tem que ficar chamando atenção”. A pesquisadora na busca de compreender o que seria o adjetivo “avacalhar” explorou o assunto pedindo exemplos e o educando disse “alguns estudantes jogam bolinha de papel nos outros, gritam, escutam música alta, pega materiais sem permissão dos colegas ou até mesmo batem neles”.

Segundo Piaget (1999) se o estudante não desenvolver a autonomia com construção de pensamento que visa o respeito mútuo, seguindo regras não por sua obrigatoriedade, mas sim, por serem de comum acordo, estes adolescentes provavelmente agirão como as crianças do estágio operatório concreto. Nesta fase, eles seguem regras ditadas por pessoas mais velhas, no qual a obediência é mais importante que a justiça, porém quando tiverem possibilidades poderão burlá-las. Isto acontece porque as regras não foram construídas junto com os adolescentes, e desse modo, há uma dificuldade em compreender o sentido de sua existência. De maneira semelhante, a respeito do comportamento dos estudantes, Parra e Cruz (2021) dizem que é preciso construir regras junto com os estudantes no contexto escolar, caso contrário, eles tendem a burlar as regras por não compreender os motivos de seu funcionamento. Os autores também dizem que a escola participante de sua pesquisa relata haver espaços de discussão, porém os estudantes não concordam com essa afirmação.

É comum a escola impor certos saberes e regras aos educandos, e acharem que houve disseminação de diálogo, porém nessa conduta não há espaço de discussão e escuta de contrapontos de ideias, e sim, discursos rígidos e excludentes.

Ainda sobre a indisciplina e diálogo, a gestora Noemir diz:

Nós já tivemos problemas disciplinares seríssimos com alunos, mas hoje não, hoje a nossa escola está muito tranquila [...] muitas vezes o professor reconhece que errou, passou do limite, às vezes o aluno reconhece que errou, então a gente trabalha bem dessa forma a gente escuta o aluno, depois a gente escuta o professor, se isso foi relatado pelo pai, também escuto o pai e depois a gente se senta junto pra chegar em um consenso.

Tal relato se assemelha aos dados de Parra e Cruz (2021) que dizem que as gestoras evidenciam a existência do diálogo, porém este é realizado somente após a existência de conflitos e queixa de indisciplina.

Sobre falta de autonomia e da possibilidade de questionar regras passadas pela escola Natanael diz, “eu não consigo questionar o que é passado, para mim falou de cima, está falado, faço o que é solicitado e está certo”. Sua mãe Nívia também complementa “meu filho estava questionando as atividades propostas, disse que não faria, e a gestão tentou convencer ele”. A mãe relata ainda que foi chamada à escola para que a coordenação, estudante e mãe pudessem conversar e resolver o conflito, e o educando Natanael acabou realizando a atividade mesmo percebendo que não faria sentido.

Percebe-se por meio dos relatos uma tentativa de imposição de regras no contexto escolar, Mafalda diz “é chato professor gritar dentro de sala de aula”. Nesse sentido, o relato se assemelha a pesquisa de Couto e Alencar (2015), que ao entrevistarem educadores que trabalham com o ensino fundamental, perceberam que os professores não abrem para discussão em classe assuntos vividos em sala de aula, os profissionais escolares utilizam métodos impositivos, ditando regras sobre condutas aceitáveis e inaceitáveis. Piaget (1975) criticou o modelo de ensino que não utiliza da autonomia e da criatividade do educando para decidir e construir sobre o seu próprio conhecimento, aproximando de suas vivências.

Sobre a falta de autonomia e a naturalização da adolescência, Bock (2007) diz que não é discutido sobre adultos tentarem controlar adolescentes, sobre o distanciamento da visão dos adultos e da visão do adolescente, sobre a falta de adequação do ensino. A proposta é a de se contentar com uma visão de adolescência posta, aceitar que essa fase não é transformada e não é impactada pela cultura, é a naturalização de um período da vida como se não fosse possível repensar e elaborar políticas públicas que atendam o adolescente.

Se tratando do assunto autonomia, é necessário expor que a falta do exercício da autonomia não é apenas particular aos estudantes, pois os outros atores escolares participantes também não têm autonomia para decidir sobre questões do contexto escolar, por exemplo, sobre o currículo ou sobre a escolha de livros didáticos, visto que tais questões são impostas no ambiente escolar e é corriqueiro que professores e gestores não sejam ouvidos durante as construções de políticas educacionais, que são elaboradas e aprovadas por pessoas que não vivenciam a realidade escolar.

Pode-se perceber também uma naturalização do desinteresse escolar dos educandos. A estudante Magali diz “normal de toda escola, os alunos talvez não se interessando muito”. A falta

de garantias e de investimento de métodos de ensino diversificado, a inexistência de uma educação voltada principalmente para práticas educativas e não conteudistas, e atrelado a isto, a valorização de condutas burocráticas, estes fatores podem tornar o ensino desinteressante aos estudantes. Segundo o professor Nelson “é o discurso nosso em geral, que o aluno não está interessado”. Acostumar-se com o desinteresse escolar e a desmotivação é também, contentar com essas dificuldades e não buscar mecanismos que expliquem e repense a resoluções de tais problemáticas. Durante sua fala a professora Mabel relata:

Eu sou mal vista pelos meus colegas porque eu gosto dos meus alunos, eu vejo que eles têm potencial, às vezes eu escuto meus colegas falarem ‘esse menino não sabe nada’, às vezes eu engulo seco, às vezes eu discordo, mas eu parei de discutir, vi que não vale à pena, então eu penso assim, não sabe nada? Que é isso? Eu tenho tanto aluno que dá retorno.

Assim como Bock (2003) apresentou, atualmente também são corriqueiras associações de que se os estudantes não possuem características almeçadas no ambiente escolar para a ocorrência da aprendizagem, com desenvolvimento natural cheio de potencialidades, de acordo com o que o ambiente escolar deseja, a culpa pelas dificuldades escolares cai nos educandos e em suas famílias.

Conclusões

O presente estudo teve por objetivo descrever concepções de educando dos anos finais do ensino fundamental, suas respectivas mães e profissionais escolares acerca de estudantes adolescentes no ambiente escolar. Por meio da pesquisa foi possível perceber uma percepção de adolescência que é problemática a partir das percepções construídas dessa fase de desenvolvimento. E nesse sentido é preciso desmitificar a visão existente do ser adolescente, repensando uma construção de potencialidade, visto que nessa fase o público tende a ter fortes desejos em contribuir com questões cotidianas. É necessário também construir diálogos que promovam a escuta e que, de fato, essas percepções sejam ponderadas e inseridas nas relações do contexto escolar.

Há no contexto escolar questões amplas para se pensar e que não devem ser reduzidas ao comportamento dos estudantes ou de suas famílias como únicos responsáveis pelas dificuldades escolares. Cabe nesse trabalho apontar também que as práticas e representações evidenciadas nas escolas muitas vezes são advindas de processos e concepções de sociedade e visão de mundo. A

escola é atravessada por diversos fatores sociais, segundo Antunes (2008) a educação é determinada e determinante, sendo deste modo o contexto escolar, impactado pelas percepções de sociedade e de como também os processos educativos podem transformar a sociedade.

Ao mesmo tempo que neste trabalho não se concorda com a culpabilização de estudantes e suas famílias pelos problemas existentes na escola, também não se compactua com correntes de culpabilização dos profissionais escolares, visto que as questões relacionadas a escola são amplas e sociais e não podem ser reduzidas a fenômenos individuais.

Há no contexto escolar padrões de ensino e quem foge da norma imposta é visto como um dificultador do processo escolar. Por meio dessa conduta, a escola não oportuniza espaços para o exercício das potencialidades da adolescência. Arelado a isso, o comportamento de indisciplina, pode ser uma forma dos estudantes apresentarem suas insatisfações, revidando no ambiente. Práticas educativas baseadas em ideias comportamentais que não atendem a realidade dos educandos podem provocar práticas de exclusão aos estudantes. É preciso que o ensino e as construções de regras façam sentido para o adolescente, com práticas escolares que incluam esses estudantes. É urgente a apresentação de outras práticas que promovam a autonomia aos educandos, que possam dialogar com construções de saberes e regras em conjuntos, entre educadores e educandos.

Por fim, é necessário investir em pesquisas e intervenções que procurem subverter percepções negativas atribuídas a adolescentes. É necessário atuar disseminando conhecimentos acerca de evidências de aspectos positivos da adolescência, além de ser urgente mudar discursos que a sociedade e atores escolares têm acerca dos jovens. Nessa fase de desenvolvimento, os adolescentes possuem capacidade de olhar para o mundo por uma outra ótica, buscam por respostas que não foram encontradas no mundo adulto, são questionadores, criativos e desafiadores. Estes aspectos incomodam uma sociedade que é controladora, que molda comportamentos, visando a padronização de condutas ideais.

Agradecimentos. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil, pela bolsa de mestrado para a primeira autora.

Referências Bibliográficas

- Alves, P. E., & Thurow, C. F. (2021). Afetividade e Educação: Acolhimento e cuidado como estratégia pedagógica. *Psicologia, Educação e Cultura*, 25(2), 7 -21. <http://pec.ispgaya.pt/edicoes/2021/PEC2021N2/mobile/index.html>

- Antunes, M. A. M. (2008). Psicologia Escolar e Educacional: História compromissos e perspectivas. *Psicologia Escolar Educacional*, 12(2), 469-475. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>
- Barbosa, R. M., Gomes, É. C. B., & Montino, M. A. (2020). Um olhar atento sobre o eventual desinteresse dos alunos pela escola nos anos finais do ensino fundamental. *Multidebates*, 4(6), 144-169. <https://revista.faculdadeitop.edu.br/index.php/revista/article/view/304>
- Bock, A. M. B. (2003) Psicologia escolar. In M. E. M. Meira, & M. A. M. Antunes (Orgs.), *Psicologia Escolar: Teorias Críticas* (pp.79-103). Casa do Psicólogo.
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>
- Couto, L. L. M., & Alencar, H. M. (2015). Educação Moral no Ensino Fundamental: Prática Docente de Ensino da Justiça. *Psico*, 46(1), 90-100. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.1.16927>
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Artmed.
- Faria, E. S. (2020) Pobreza e escola: discurso e silenciamento no contexto educacional. Desigualdade social e pobreza: múltiplas faces frente à educação. In K. N. Moraes, D. C. B. P. Lima, & A. I. Alves (Orgs.), *Desigualdade social e pobreza: Múltiplas faces frente a educação* (pp.148-173). Cegraf UFG.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Fonseca, L. S., & Canal, C. P. P. (2022). Processo de escolha profissional de adolescentes: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia em Pesquisa*, 16(2), e32816. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32816>
- Garcia, A. L. C., Halmenschlager, K. R., & Brick, E. M. (2021). Desinteresse escolar: um estudo sobre o tema a partir de teses e dissertações: desinteresse escolar: um estudo sobre o tema a partir de teses e dissertações. *Revista Contexto & Educação*, 36 (114), 280-300. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2021.114.280-300>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Lopes, M. J. M., & Pedruzzi, A. N. (2021). O afeto na relação Professor e Estudante e sua influência no Processo de Ensino e Aprendizagem. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (9), e10310917775. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.17775>
- Parra, A. C. S., & da Cruz, L. A. N. (2021). A percepção de alunos e professores do ensino fundamental II sobre regras. *Humanidades & Inovação*, 8(34), 260-273. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4942>
- Piaget, J. (1975). *Para onde vai a educação?* Unesco.
- Piaget, J. (1999). *Seis estudos de psicologia*. Forense Universitária.
- Piaget, J. (2005). Introdução: Problemas e Métodos. In J. Piaget. *A representação do mundo na criança* (pp. 9-31). Ideias & Letras.
- Roehrs, H., Maftum, M. A., & Zagonel, I. P. S. (2010). Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), 421-428. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000200026>
- Santos, F. P., & Negreiros, F. (2021). Saúde do estudante adolescente brasileiro: revisão sistemática da literatura. *Psicologia, Educação e Cultura*, 25(3), 36-56. <http://pec.ispgaya.pt/edicoes/2021/PEC2021N2/mobile/index.html>

SCHOOL ACTORS' PERCEPTIONS ABOUT ADOLESCENT STUDENTS

Abstract

The perception of school actors about adolescent students interferes with their schooling, negatively impacting their teaching-learning process. Thus, the objective of this study was to describe conceptions of students in the final years of elementary school, their mothers, and school professionals about adolescent students in the school environment. The research was qualitative and descriptive, having interviewed 36 participants involved in the school context of the 7th, 8th, and 9th grades of elementary school. The results showed perceptions of adolescence as a problematic phase, without identifying the development potentials in this period, besides pointing out the lack of interest of students as a cause of problems in the performance disconnected from school practices. This study considers the urgency of disseminating knowledge to demystify these presented conceptions.

Keywords: Students; adolescents; schools; education professionals; mothers.